

O MONUMENTO

ORGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SECRETARIA-
DO MONUMENTO A CRISTO-REI
R. dos Douradores, 57

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR
Monsenhor Pereira dos Reis

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TI-
POGRÁFICA DAS OFFINAS DE S. JOSÉ
Trav. dos Prazeres, 34 — LISBOA



A Basílica da Estrêla — Paço Real do SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS

A Bênção da Primeira Pedra

O lançamento e bênção da primeira pedra fêz-se com a maior solenidade. Sobre o local destinado ao novo templo construíram uma igreja de madeira, do mesmo tamanho da que estava delineada na planta.

Média ela desde a porta principal até ao fundo da capela-mór 245 palmos, e o Cruzeiro ou transepto 170 de comprimento. Armaram o interior de damasco e veludo carmesim com galões e franjas de ouro. De cada lado desta igreja improvisada havia seis grandes janelas de um só vidro cada uma, e muitas na capela-mór, para que a luz entrasse ali a jorros. Por detrás da capela-mór e sobranceira ao lugar em que ia ser colocada a primeira pedra, armaram uma grande tribuna ricamente guarnecida, destinada à Família Real.

Foi preciso também aproveitar para esta soleníssima cerimónia algumas dependências do convento. Assim: o refeitório para Casa de Paramentos, a cozinha para Camarim de Falda do Em.^{mo} Cardial Patriarca D. Fernando I, as casas da parte do Claustro para os Principais do Cabido Patriarcal, o vão da escada conventual para os Mosenhores do mesmo Cabido. Todas estas dependências estavam ricamente armadas e alcatifadas de pano verde, e os corredores do convento cobertos de custosas tapeçarias. O Locutório de fora foi preparado para El-Rei e o Príncipe Real, e na portaria três camarins para a Côrte, a fim de esperarem ali o Cardial Patriarca, na sua passagem, em procissão, da Casa dos Paramentos para o interior da Igreja.

A Vigília — No dia 23 de Outubro deste ano de 1779 realizou-se a 1.^a parte da

cerimónia, que consistiu na bênção e adoração da Cruz que devia ser posta solenemente no altar da igreja de madeira. Vieram do palácio de Queluz assistir a este acto, Suas Majestades e Altezas. A guarda de honra era feita por dois regimentos de infantaria, à roda da igreja, vários piquetes de cavalaria de guarda às ruas, e os timbaleiros reais dentro, de um e outro lado da porta principal de entrada. A família real dirigiu-se para a casa dos paramentos, onde estava armado, debaixo de rico docel, um altar com sua banqueta de prata e velas acesas, e encostada ao altar uma grande cruz, que o Principal Almeida, Dacano da Santa Igreja Patriarcal, benzeu. Suas Majestades e Altezas assistiram em um rico trono do lado do Evangelho, em sete cadeiras de veludo carmesim e pregaria dourada.

Posta depois a Cruz numa alcatifa, a adorou e osculou o Celebrante e, depois d'êla, a Família Real e os Eclesiásticos, a Nobreza e outros assistentes.

Concluída esta adoração foi a Cruz levada em procissão para a Igreja, incorporando-se nela as Majestades e todos os presentes.

O celebrante colocou-a no altar, situado onde devia erguer-se mais tarde o altar-mór, e voltaram todos a adorá-la. Findou com isto a cerimónia, indo dali a Família Real a visitar as obras do Convento.

A solenidade — No dia seguinte, 24 de Outubro, aniversário do voto da Rainha, às 9 horas, grande aparato militar em volta da Igreja e no campo; a côrte em pleno, o povo em multidão em frente da porta principal que os Timbaleiros Reais guarneciam da parte de dentro; o Cardial e o Cabido nos seus postos. Chega a Família Real. A Rainha, a princesa D. Maria Benedita sua irmã, o Infante e as Infantas dirigiram-se para a tribuna sobranceira ao altar-mór. Depois de assentados, entrou a Rainha Mãe, viuva de El-Rei D. José. A Senhora D. Maria I levantou-se, foi-a receber, beijou-lhe a mão e deu-lhe o primeiro lugar num dos camarins da tribuna; no segundo camarim estavam o Camareiro-Mór e as Damas, e no outro os Veadores e Camaristas. El-Rei e o Príncipe Real, a Côrte, Ministros e Nobres ficavam entretanto nos camarins da entrada da Igreja.

Organizou-se logo a procissão.

A frente a cruz patriarcal e ciriais, músicos e cantores, e em seguida os Mosenhores e Principais da Patriarcal, o Cardial Patriarca, El-Rei, o Príncipe Real, os Grandes e pessoas de distinção. Chegadas ao altar da Igreja improvisada, El-Rei e o Príncipe postaram-se no seu trono, do lado do Evangelho. Ajoelhados todos e feitas as preces do ritual, procedeu o Cardial Patriarca à bênção da primeira pedra.

Estava ela num andor dourado, sobre uma credência, do lado do Evangelho. Era de mármore branco muito polido, em figura cúbica, com quatro faces e duas de tópo; tinha um palmo e

quarto de largo e inscrições latinas gravadas em duas faces da pedra opostas uma à outra. Damo-las em português:

«D. Maria I, Rainha fidelíssima de Portugal, para perpétuo monumento do benefício recebido, de conceber um filho, por voto fez edificar ao SS. Coração de Jesus este templo e mosteiro, para as freiras de N. Senhora do Carmo, tendo cedido El-Rei D. Pedro III para essa edificação o terreno que aqui possuía!»

Dizia a outra: «Esta primeira pedra deste templo que vai ser dedicado à honra de Deus e do SS. Coração de Jesus, conduzida pelo rei D. Pedro III, benzeu-a e a colocou o Eminentíssimo D. Fernando Presbítero Cardial da Silva, da Santa Igreja Romana, Patriarca de Lisboa, sendo Sumo Pontífice Pio VI, no dia 24 de Outubro do ano de 1779, 24.º depois do terremoto.»

Por cima de cada uma destas inscrições estava gravada uma pequenina cruz, e no centro das outras duas faces da pedra uma cruz maior em cada qual.

O Cardial Patriarca benzeu a pedra e preparou a cal que devia servir na sua imposição. Em seguida organizou-se a procissão por



Versão da legenda: «Primeiro templo edificado ao SS. Coração de Jesus sendo reis de Portugal D. Maria I e Pedro III, e Papa Pio VI. Ano do Senhor de 1779.»

esta ordem: à frente a Cruz Patriarcal, atrás três moços fidalgos cada um com uma vassoira tecida de fios de ouro, depois a cal em um côche, um balde prateado, com água e a trolha e o camartelo transportados pelos Grandes do Reino, e a colher, que tinha servido à preparação da cal, por um Acólito. El-Rei e o Príncipe pegaram às primeiras varas do andor em que estava a Pedra, e às outras varas os duques de Lafões e de Cadaval e os condes da Ponte e de Vila Flor.

Por fim vinha o Cardial, seus assistentes e toda a Côrte, encaminhando-se o cortejo para o lado do Evangelho por onde desceu para o alicerce.

A disposição do local era a seguinte: por detrás do altar mór de madeira, e separado d'ele uns cinco palmos, havia a toda, a largura da capela-mór, um parapeito de madeira com a altura desde a terra, de dez palmos, mais ou menos. No espaço entre o altar e o parapeito, é que estava o alicerce da parede capital.

Para este rebaixo de terreno se descia do lado da Epístola por três degraus, e pelo lado do Evangelho por uma rampa. Sobre este alicerce havia uma cavidade ou sepulcro também de pedra. Chegado ali o Rei entregou ao Patriarca uma caixa de prata dourada quadrilonga, contendo os seguintes documentos: 1.º Alvará régio para a alienação do terreno; 2.º Escritura de doação d'esse terreno; 3.º Escritura de doação da igreja e convento; 4.º Declaração de quem benzeu a Cruz e de quem benzeu e colocou a 1.ª Pedra, e dos dias em que estas cerimónias se realizaram.

O Patriarca depositou no fundo da cavidade a sobredita caixa,

Versão da legenda: «Adoração, Glória e Império (supremo mando) Àquele a quem se deve o beneficio da descensão recebida para mais firme estabilidade do Império Português — Ano do Senhor de 1779.



e mais duas caixas redondas, de prata dourada, contendo cada uma delas seis medalhas comemorativas desta solenidade, sendo duas de ouro, do valor de 40 mil réis; duas de prata, de 2 mil réis; e duas de cobre.

As seis medalhas da primeira caixa foram benzidas pelo Patriarca, porque tinham esculpida a imagem do Coração de Jesus, só o Coração, como S.ta Margarida Maria o viu certa vez e o pintou. (Veja a gravura da página 2).

Na 2.ª caixa havia igualmente duas medalhas de ouro, duas de prata e duas de cobre, sendo três de um cunho e as outras três de outro. O 1.º cunho tinha os bustos da Rainha e do Rei. (Gravura da página 1).

O 2.º cunho reproduzia de um lado o frontespício do novo Templo, mas sem as torres, porque estas só mais tarde foram mandadas adicionar ao projecto primitivo, e com a seguinte legenda que traduzimos do latim: «Ergueu este monumento em memória do beneficio recebido.» No reverso tinha a planta dos alicerces do templo com a inscrição latina — Vestigium Templi.

Além destas caixas, entregou D. Pedro III ao Patriarca, para este as depositar no sepulcro, outras duas, de prata dourada, com os vidros dos Santos Oleos do Crisma e dos Catecúmenos, e dois *Agnus Dei* com eixilhos de prata dourada, um oferecido pelo Papa Pio VI, então reinante, e outro de particular devoção.

Depositadas as caixas e os *Agnus Dei*, o mestre pedreiro e dois ajudantes se collocaram a 1.ª Pedra em cima, tendo o Patriarca a sua mão sobre a Pedra. Por cima da Pedra puseram uma

tampa de mármore, cavada em forma de taboleiro na parte superior. Então o Escudeiro-Mór da Rainha lançou nesse taboleiro, por três vezes, cento e quarenta e quatro peças de moeda corrente até àquela data. Eram: doze de 6.400 rs., doze de 3.200 rs., doze de 1.600 rs., doze de 800 rs., doze cruzados novos de ouro, doze cruzados novos de prata, doze moedas de 240 rs., doze de 120 rs., doze de 60 rs., doze de 10 rs., doze de 5 rs. e doze de 3 rs.

Em seguida cobriu-se este taboleiro com uma tampa de pedra. Pôs a cal nas juntas e uniões desta Pedra o Cardial Patriarca, deitando El-Rei, antes e depois, a água com uma vassoura de fios de ouro que molhava no balde para isso destinado.

Terminada esta cerimónia organizou-se de novo a procissão, dando volta a toda a igreja por cima do alicerce, para a bênção do mesmo, que se conhecia pelo rebaixamento feito no terreno e que o Cardial ia aspergindo com água benta. Voltando ao altar, os músicos cantaram o *Veni Creator Spiritus* e o Patriarca a oração respectiva.

O Rei e o Príncipe subiram então para a tribuna onde estavam as Rainhas, e o Cardial começou a missa rezada, acompanhada de cânticos. No fim da missa entou Sua Eminência o *Te-Deum*, durante o qual as tropas deram várias descargas. Terminado o *Te-Deum* o Cardial subiu ao altar e deu a bênção episcopal, não a do SS.º porque não fôra exposto ali. O Cônego Principal, cabeça da Ordem dos Presbíteros, publicou então a indulgência de um ano, concedida pelo Em.º Patriarca, e este retirou-se com o clero para a casa dos paramentos.

Nesta legenda a Rainha faz suas as palavras com que S. Pedro e S. Paulo nas suas Epístolas, e S. João no Apocalypse, proclamam a realza social de Jesus — «Príncipe dos Reis da terra» — sobre todos os governos e nações. Donde se segue não ser temerário concluir, que era pensamento da Rainha proclamar a soberania absoluta do SS. Coração de Jesus sobre o Rei e a Nação Portuguesa.

Logo Suas Majestades e Altezas, com a sua comitiva, desceram da tribuna ao alicerce para collocarem, cada um por sua vez, uma pedra de mármore vermelho, sobre a tampa da 1.ª Pedra que o mestre pedreiro tinha antes barrado de cal. Foi a primeira a Rainha Mãe, viuva de D. José, depois a Rainha D. Maria I, El-Rei D. Pedro, seu marido, o Príncipe Real D. José, a Princesa e as Infantas. As pedras foram-lhes ministradas em cestos dourados: ao Rei pelo Conde da Ponte, e às outras pessoas reais pelos seus respectivos camaristas.

Após a Família Real e com a assistencia dela, aproximaram-se o Cardial Regedor, Arcebispo de Évora, e o Arcebispo de Tasselonica, Confessor dos Reis, para lançarem no alicerce ao lado da 1.ª Pedra, as pedras miúdas trazidas para ali pelos Grandes do Reino em cestos prateados.

Concluída esta cerimónia, a Família Real retirou para Queluz ao som de trombetas, tímboles, tambores e instrumentos bélicos das suas tropas.

Comemoração do 150.º aniversário da Basílica da Estrêla

Fêz-se com grande simplicidade no dia 15 de Novembro. De manhã celebrou a Missa e proferiu uma bela alocução alusiva e ministrou a Comunhão geral o Senhor Bispo da Vatarba. Ao Evangelho da Missa Solene celebrada pelo Rev.º Prior Domingos Fernandes Nogueira, pregou o Rev. P.º Maurício dos Santos. De tarde presidiu ao *Te-Deum* o Senhor Arcebispo de Mitilene, pregando sobre o jubileu da Basílica, o Rev. P.º Sebastião Pinto, com grande concurso de fiéis e representações dos centros paroquiais do Apostolado da Oração. Promoveu esta solenidade o Apostolado da Basílica.

As nossas gravuras

São de uma collecção do distinto cultor das belas artes sr. Dom Fernando de Almeida que generosamente nos cedeu as respectivas fotografias. E' sua Ex.ª um grande e apaixonado amigo desta obra do Monumento de Cristo-Rei e seus foram também os primeiros passos, dado agora, para lançar em bases sólidas o movimento de glorificação da Rainha D. Maria I por meio da erecção de sua estátua em frente à Basílica da Estrêla.

Bem haja o nosso illustre e dedicado amigo, e que, mais esplêndido êxito coroe as suas nobilíssimas aspirações e dedicados esforços para glória da pátria portuguesa.

365 MISSAS POR ANO

Por todos os benfeitores vivos e defuntos do Monumento a Cristo-Rei, sendo 30 cada mês

Monsenhor Manuel Anaquim

Aprouve ao Senhor levar para si, neste mês de Dezembro, a alma do illustre Vigário Geral do Patriarcado de Lisboa.

O Secretariado Nacional do Monumento a Cristo-Rei e este pequenino jornal seu orgão de propagação, não podem deixar de sentir profundamente a inesperada perda de tão dedicado amigo. Foi Monsenhor Anaquim que abriu a subscrição nacional entre o clero português, e nunca se recorreu a Sua Ex.ª Rev.ª, fêsse para o que fosse, sem experimentar logo a magnanimidade do seu generosissimo coração, sempre pronto a bem servir e sempre com a afabilidade de quem nisso sentia prazer.

Pague-lhe Deus em grande aumento de glória os serviços que prestou à expansão do seu Reino na terra. E nós, todos os amigos e promotores da obra do Monumento, paguemos-lhe também a nossa dívida de gratidão, lembrando muito a sua alma em nossas orações para que sem demora entre no gozo da bemaventurança eterna.

Feliz Ano Novo

Aos benfeitores e amigos do Monumento de Cristo-Rei, à imprensa católica e a todos os jornais conservadores de Lisboa, da Província, e do Ultramar, que por ele se tem interessado, bem como às benemeritas «Emissora Nacional» e «Rádio Renascença» leva o nosso jornal, nesta despedida do ano velho, os protestos da mais viva gratidão do Secretariado Nacional e os seus mais ardentes votos de feliz Ano Novo repleto de bênçãos espirituais e temporais.

A Oferta das Crianças

O Secretariado Nacional lançou em fins de Novembro a ideia de as crianças católicas de todo o Portugal ameaçarem, à custa de pequenos sacrifícios, uma quantia qualquer, ínfima que fosse, para depois, com o nome de «Pedra Pequena para o Monumento de Cristo-Rei» a irem oferecer solenemente ao Menino Jesus, no Presépio, no dia da festa dos Santos Inocentes, que foram os primeiros mártires de Cristo-Rei.

Teve esta feliz iniciativa o mais entusiástico acolhimento da parte das crianças que a chegaram a conhecer. A ela consagramos o próximo número deste jornalzinho. Mas para o fazermos cabalmente precisamos, e muito agradecemos, que nos seja remetida de toda a parte notícia perfeita, embora resumida, da forma como aí se realizou este preito do amor e da vassalagem das crianças ao Rei-Menino.

O Secretariado de Lisboa enviou uma circular a todos os Rev.^{mas} Párocos do país, às direcções dos colégios e a toda a imprensa. Além disso promoveu conferências de propaganda nas Emissoras e duas sessões infantis, uma na Rádio-Renascença e outra na Emissora Nacional.

E como todo o mês de Janeiro é dedicado aos mistérios da primeira infância de Jesus, será todo ele ocasião ainda de se promover esta manifestação infantil onde não se tenha realizado.

Do Gêrmen dos Sacrifícios

*Lágrimas, sangue, alaridos
Pelas ruas de Belém;
Morto cada inocentinho
No colo de sua mãe!...*

*Como nas tardes de outono
Se dispersam as sementes,
Regadas co' o próprio sangue
Sepultam-se os inocentes.*

*Passam os tempos e as dores
E os ódios contra Jesus;
Vereis Cristo entre os doutores
Como entre as trevas a luz.*

*Já reis e pobres o cercam;
Buscam-no todas as gentes:
Olhai como germinaram
os pequenos inocentes!*

*Meninos, sois pequeninos,
Mas podeis muito, afinal:
Podeis levantar a Cristo
Nas praias de Portugal.*

*De sacrificios pequenos,
Quanto não pode sair!
E' da pequena semente
Que a árvore sai a florir.*

*Erguei, erguei, pequeninos,
Monumento sem igual:
De longe se veja Cristo
Nas praias de Portugal.*

Poesia dita pelo menino Martin de Castro Vaz Pinto, na Emissão infantil da Rádio-Renascença, em 26 de Dezembro.

Movimento da Subscrição e da Propaganda

«E preciso que Ele reine,

A Propaganda

Bela carta de um espanhol. — Havíamos lançado o ano passado o seguinte pregão: **1 milhão de portugueses a darem já dez escudos cada um, uma só vez, por inteiro ou em prestações, e teremos o Monumento em 1940.**

Não faltou quem respondesse ao apêlo: uns a aplaudir, outros a dizer que era uma utopia, etc.; todo esse armazém de razões com que a falta de vontade procura desculpar-se. Passemos adiante. O Monumento é uma obra de amor e por isso é só o amor que o há-de erguer. Ouçamos a resposta dos que amam. A primeira veio da Galiza, da ridente Corunha, em termos verdadeiramente simpáticos e escrita quando a Espanha ardia ainda em guerra.

Aqui a transcrevemos no mesmo português em que foi redigida pelo seu autor:

— «Começo estas linhas com esta singela can-

tiga que eu aprendi apenas comecei a balbuciar:

Corazon Santo, Tu reinarás

Tu nuestro encanto, siempre serás.

Humildemente e de joelhos, com o primeiro número de «O Monumento» recebo a bênção de Sua Eminência D. Manuel, pela graça de Deus, Cardinal Patriarca de Lisboa.

Meus mais sinceros parabéns pelo aparecimento do pequenino Grande jornal, que tem por único fim, trabalhar para o Monumento ao Divino Coração de Jesus. Também o Deífico Coração reinará em Portugal. Mas será necessário fazer mais e melhor, espalhando por todos os meios possíveis esse portavoze de Cristo-Rei. Eu nesta Província, farei pelo melhor...

Estou em completo desacôrdo com o artigo titulado «UM MILHÃO A DEZ ESCUDOS»; em desacôrdo mas mesmo um tanto ou quanto amuado, por dirigir esse apêlo «aos portugueses espalhados pelo mundo».

Eu não sou português, sou espanhol e dos que mais sofregamente amam a sua Pátria. Mas não por isso deixo de amar com grande carinho esse lindo rincão do mundo por Deus abençoado; Luiz de Camões deu a medida certa, ao dizer — Jardim à Beira Mar Plantado.

Eu em tratando-se do Divino Mestre, em tratando-se de Cristo-Rei, não admito separatismos... Pois Ele reinará não só em Portugal ou Espanha, mas no mundo inteiro: URBI ET ORBE.

Porque dizer então: tantos milhões de portugueses espalhados pelo mundo? O apêlo deve ser feito a todos os homens de bem, espalhados pelo mundo; ou pelo menos a todos aqueles que conhecem e amam Portugal. Assim é que está certo.

Os milhares de contos serão fáceis de conseguir, pois «querer é poder». Propaganda, muitíssima propaganda, na Imprensa Católica, por meio do Apostolado da Oração, pregando em todas as igrejas de cidades, vilas, lugares, aldeias e freguesias, com quêtes após a celebração do Santo Sacrifício da Missa. Dez escudos, vinte escudos? Não são nada para mim, para dez, para cem, para mil, para dez mil pessoas. Mas há muitíssimos milhares de fiéis que não podem dar essa quantia.

Nas quêtes o mais pequenino óbolo, deve ser abençoada moeda, que fazendo bola de neve, irá crescendo, subindo, agigantando, até talvez sobrepassar esse «Milhão a dez escudos».

Mas serão na realidade suficientes 12.000 contos? Acho muito pouco para a grandiosa obra do Monumento ao Rei dos Reis. Não devemos parangonar este Monumento com o do Senhor Infante D. Henrique. Todos os monumentos de Portugal — D. José 1.^o, Pombal, Saldanha, Pedro IV, Pedro V, etc. etc. todos reunidos, amontoados uns sobre outros, apenas nos devem dar uma ideia dos alicerces do Monumento ao Divino Coração, a Cristo-Rei, Fonte de todo o Bem, da Verdade, da Vida.

Com o exemplo pregando, honro-me incluindo pela presente a quantia de *Pesetas 10*, — em sélos *Pro-Combatientes*, que qualquer espanhol dos aí residentes, pode trocar por escudos, fazendo ao mesmo tempo uma esmola para os que tudo deram na defesa da Pátria e de Deus.

Que sirva isto de exemplo para os 50.000 espanhóis que vivem, trabalham e são felizes, sob o abençoado céu azul de Portugal e que gozando dessa santa paz, não têm nem sequer uma pálida ideia dos horrores que aqui temos sofrido para defender a Religião e a Civilização Ocidental.

Termino pedindo ao Divino Redentor, que livre o velho e nobre Portugal, de semelhantes dores. Per omnia saecula saeculorum, Amen.

Cristianos venid, con Fé y Caridad,
Adorar a Cristo, que es Rei de Verdad.

J. DOMINGUEZ LOPEZ

(Chuco de Canedo)

Desde um cantinho qualquer da minha Espanha, aos cinco dias do mês de Julho do ano de 1938 e segundo Triunfal para as armas de Franco.»

Os sélos estão no Secretariado do Monumento à disposição de quem os queira comprar.

A' calorosa argumentação do generoso subscritor, que tanto nos edifica e penhora, só diremos que, sendo o Monumento um preito nacional de Portugal ao seu divino Rei, aos portugueses incumbe a obrigação de o erguer. Mas a nossa obrigação não proíbe a devoção dos filhos de outras Pátrias. Já temos recebido donativos de irlandeses e franceses residentes em Portugal, irmãos nossos na Fé. A gente da Galiza é, de toda a Espanha, a que tem conosco maiores afinidades de sangue e de lingua: como iríamos então excluir a sua nobre camaradagem nesta glorificação reparadora da realza universal de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Se os cinquenta mil espanhóis residentes em Portugal quiserem ouvir o apêlo e seguir o exemplo do seu ardoroso compatriota Chuco de Canedo, só haverá nisso, para nós, consolação imensa, para o SS. Coração de Jesus Cristo-Rei, maior glória, e para os oferentes mil bênçãos de Deus.

A carta do professor — Esta veio das bandas do Caramulo trazida pela aragem sábia e perfumada de uma dedicação cheia de sacrificio: — «*Motelinhos* — *Tondela* — O vale que enviei para o Patriarcado, é destinado ao Monumento a Cristo-Rei e significa a minha contribuição anual até à conclusão do Monumento, ou até que esteja integralmente paga a despeza que com ele se fizer. Descejava que a alma de todos os portugueses voasse até ao pedestal da estátua e a levantasse a uma altura imensa. Desejava que todos os corações que amam sinceramente a Jesus, levassem nas suas joiazinhas uma flor de beleza, para que o grandioso Monumento fôsse a maravilha mais bela do mundo! Abro portanto, entre a classe do professorado primário, a minha humilde subscrição. — Julião Antunes de Matos».

— Antes deste bilhete outro aqui tinha chegado da banda de lá do Porto, da Senhora da Hora, escrito por outro devoto e entusiasta professor primário, nestes termos: «Havendo chegado até nós o eco do desejo que esse Secretariado acaba de formular «Um milhão de portugueses a dez escudos...», não pudemos ficar insensíveis perante tão justo como oportuno apêlo, e tanto eu como minha mãe vimos corresponder gostosamente ao mesmo, enviando juntamente a quantia de 20\$00, sendo 10\$00 de cada um para o citado fim. — A Bem da Nação — Filomena Augusta Alves Torgo e Anibal de Azevedo Sepulveda».

Muito pode quem quer!

Oferta da moribunda — E' profundamente comovedor presenciar a ternura com que, no expedir da vida, as almas mais devotas do SS. Coração de Jesus fixam o seu olhar moribundo na perspectiva, ainda imaginária só, do futuro Monumento glorificador da realza do Senhor! Em 11 de Julho do corrente ano falecia na cidade de Leiria, com todos os sinais de predestinada, uma distinta senhora, oriunda de Lisboa, a qual muito amara o mundo, como ela própria dizia, antes de conhecer o Rei de Amor. Mas Ele um dia mostrou-lhe quem era o que era, Esperou para isso que ela se visse no desengano de cruelíssima adversidade. Desde então nunca mais se desprenderam um do outro. Ele pregou-a mais tarde, durante anos, na cruz da invalidez e dos mais cruciantes sofrimentos de corpo e de alma. Ela respondeu-lhe com fidelidade e conformidade espantosamente heróicas. A sua morte, em heroísmos de caridade também para o próximo, fez baixar logo do Céu graças inesperadas de Fé e de conversão, Chamava-se D. Cristina Adelaide Martins. Não possuía bens de fortuna; contudo, à força de renúncia própria, pôde juntar *trezentos escudos* que nos mandou entregar para o Monumento, poucos dias antes de falecer, por mão de sua dedicadíssima amiga a Senhora D. Maria José Pestana, do Porto. Recompense Deus tão formosa alma, com acréscimos de glória no Céu; e alcance-nos ela do Senhor a graça de todos compreenderem e amarem a ideia do Monumento a Cristo-Rei como ela a compreendeu e amou.

Porque foi?

que Deus permitiu que os ímpios fuzilassem e deitassem abaixo tão abominavelmente a estátua e o Monumento do Cérrro dos Anjos; e que, tendo o Rei consagrado ali, oficialmente e com tanto fervor, a Espanha ao SS.^{mo} Coração de Jesus, triunfasse lá depois tão miseravelmente a revolução? A explicação lê-se no Evangelho. Estava profetizado que Cristo entraria no gôzo da sua glória á custa das humilhações e dos horrores da Cruz. *Regnavit a ligno Deus*. A vida de Cristo prolonga-se e repete-se na Igreja sua espôsa.

A Espanha não tinha passado ainda pelo crisol da perseguição religiosa satânica. Cristo

«O Monumento» vende-se ao preço mínimo de um tostão e recebe-se com reconhecimento o que daí para cima queiram oferecer por êle.

ainda não tinha padecido lá, à-mão dos ímpios. Aquêl monumento e aquêl consagração tão edificante, significando uma nova doação da Espanha ao divino Rei de Amor, prepararam as graças prodigiosas da fidelidade da nação na prova, do heroísmo sublime dos seus mártires, do entusiasmo guerreiro dos seus soldados, da epopeia da vitória e da intrepidez da fé com que o general Franco e os outros chefes militares, seus camaradas, riscaram já do código civil as leis ímpias e proclamaram que será a lei de Cristo que há-de reger d'ora-avante os destinos da nação.

Os Amigos de "O MONUMENTO"

As crianças da catequese — E' preciso que este nosso pequenino jornal entre em todas as casas para que Portugal inteiro chegue a saber do Monumento e por ele se interesse como faz mister. Quem quer os fins tem de empregar os meios.

E' isto o que fazem os dirigentes apaixonados pela glorificação de Cristo-Rei. Escrevia-nos a propósito, em Agosto findo, um jovem e fervoroso sacerdote de Lamego — « Como tinha muitos jornais (exemplares de « O Monumento » em Lamego, lembrei-me de lançar um apêlo às crianças das catequese daquela cidade. Com o auxílio dos meus companheiros consegui assim aproveitar a generosidade dos pequeninos. Falou-se-lhes do mérito de uma pedrinha no sumptuoso Monumento a Cristo-Rei, e ei-los logo a juntar, com radiante satisfação, os seus tostões, e alguns os seus escudos para a nossa obra. Cá na minha terra, em Sinães, as mesmas crianças, sempre bondosas e prontas, também me espantaram com as suas pedrinhas, significativas da sua abnegação e boa vontade.

Distribuí-lhes o resto dos jornais e lá me trouxeram daí a poucos dias 11\$40. Mandei portanto um vale de 28\$90, isto é, 17\$50 de Lamego e o resto de cá. Quereria que publicassem estes exemplos no jornalzinho. — P.º Manuel Rezende, Sinães, 22-VIII, 39 —. Bem haja sua Rev.ª O coração das crianças é um tesouro de generosidade porque é um coração puro e inocente. Jesus as abençoará.

As Benjaminas da Guarda — Em circular de 6 de Agosto do corrente ano a Presidente Diocesana da J.C.F. daquela diocese dirigia-se-lhes nestes termos: « E agora, queridas Benjaminas, vou propor ao vosso amor pelo Coração de Jesus e zelo pela sua causa, uma tarefa que espero tódas acolherão com entusiasmo: a venda do jornal « O Monumento ». Como sabeis, vão todos os portugueses erigir em Lisboa um monumento a Cristo-Rei que ficará pelos tempos fora como um padrão de glória, amor e reparação, levantado por um povo que tem a caracterizá-lo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Ora, grande honra é para as Benjaminas serem chamadas a colaborar numa obra que dará tanta glória a Jesus. O Secretariado Diocesano abre um Concurso concedendo um Lindo Prémio à Secção que até ao dia de Cristo-Rei tiver vendido todos os jornais que para esse efeito hoje seguem por este corréio.

... Vamos ao desafio a ver quais as Secções que ganharão o prémio?... Sobretudo que o vosso zelo seja sobrenatural, isto é, animado por um grande amor a Nosso Senhor, e teres assim um prémio cá na terra e uma recompensa eterna no Céu. — Maria Belarmina Franco Pinto de Castelo Branco ».

Passado um mês a ilustre presidente comunicava ao Secretariado de Lisboa « que as Benjaminas têm feito muita propaganda do jornal « O Monumento », até nos mercados e feiras! »

Belo exemplo, o deste infantil esquadrão da Acção Católica. São glória e consolação do seu Rei!

Os escutas católicos de Guimarães — No dia 10 de Setembro último realizou-se nesta cidade minhota sob a presidência do Senhor Arcebispo Primaz uma devotíssima peregrinação regional ao Monte da Penha para agradecer a graça do feliz término da guerra de Espanha, e a de Portugal haver sido preservado dos horrores do comunismo. A concorrência de povo dos distritos de Braga e Pôrto, foi enorme. E se espalhássemos entre aquela piedosa gente o nosso jornalzinho? Monsenhor João Ribeiro, venerando Presidente da Comissão promotora, aceitou com agrado esta ideia e tomou a seu cuidado a organização da venda. Foi esta confiada aos escateiros católicos ali reunidos em grande número, os quais aceitaram o encargo com suma amabilidade e se despenharam dêle cabalmente. Não ficou um só jornal por vender, dos centenares que se puderam conseguir. Um grande obrigado aos simpáticos rapazes, gentis cavaleiros dos ideais generosos!

D. Maria Adelaide de Oliveira Belo

O Secretariado Nacional do Monumento perdeu com a morte santa desta fervorosa e desveladíssima apóstola do SS. Coração de Jesus uma das suas mais prestimosas colaboradoras. Antes de subir ao céu, mandou lançar aos pés de Cristo-Rei a sua última pedra — uma moeda inglesa de cinco libras em ouro. Que envolvam já a sua bela alma os esplendores da glória eterna.

JOIAS RECEBIDAS

Continuam a chegar ao Secretariado Nacional ofertas espontâneas de jóias, que são outras tantas vozes de: *ao alto o Monumento de Cristo Rei*

Diocese de Angra

D. Joaquina de Macedo — Angra, par de brinco de ouro. D. Maria da Silveira Santos — Angra, anel de ouro. D. Maria do Carmo Coelho de Bettencourt Silveira e Avila — Angra, cordão de ouro.

Diocese de Braga

D. Maria da Glória Figueira de Sousa — Guimarães, 2 braceletes de ouro; 3 anéis com pequeninas pérolas; 1 anel de ouro; 3 pares de brinco; corrente de relógio de ouro com medalha; cordão de ouro com uma cruz e um berloque de ouro. Uma zeladora do Coração de Jesus — Braga, uma moeda de ouro antiga (D. José I — 1761). Dr. António Pereira de Vasconcelos da Rocha Lacerda e Melo — Ponte da Barca, anel de ouro e um brilhante. D. Maria Rita Pereira da Cunha — Viana do Castelo, um broche de ouro com uma ametista. Anónima — Braga, anel de ouro com um rubi. Dr. Manuel José Macedo de Barbosa — Barbude — Vila Verde — Braga, libra de ouro.

Diocese de Coimbra

D. Delmira Freitas Costa Abranches e seu marido António Abranches Martins — Coimbra, alfinete de gravata de ouro com duas pérolas e um brilhante. D. Leonilde Durand — Coimbra, par de brinco de ouro, Anónima — Coimbra, uma libra de ouro.

Diocese de Evora

D. Maria da Conceição Céu Mateus Lopes — Elvas, anel de ouro com um brilhante.

Diocese de Faro

Dr. Inácio José Correia (médico), Paderne — Algarve, 2 botões de punho e um de colarinho em ouro. Anónimo de S. Lourenço do Palmeiral — Algarve, medalha de ouro. Uma zeladora do Algarve — Alcantarilha, medalha de filigrana dourada com cruz de Cristo em esmalte. D. Genoveva Lopes da Cruz — Professora em S. Braz de Alportel — Algarve, libra em ouro. D. Maria Gertrudes Cabrita — Messines de Cima — Algarve, fio de ouro. Da Lili e sua enfermeira, Lagoa — Algarve, 2 pares de brinco de ouro.

Diocese de Vizeu

Anónimo — Caramulo, anel de ouro com diamantes e safiras. Anónima — Caramulo, caixa de madeira com uma rosa de prata na tampa.

Diocese de Lamego

D. Virginia Carvalhais, travessão de ouro com pérolas — D. Olinda de Almeida, medalha de ouro — Sr. Joaquim Pinto Osório, ametista com cercadura de ouro. — D. Laurinda de Albuquerque Barata Menezes, broche e um par de botões de punho de ouro — D. Laurinda da Silva, par de brinco e uma aliança de ouro — D. Maria da Anunciação Cid, alfinete de ouro — Amadeu José dos Santos, par de botões de punho de filigrana de ouro; — Anónima — Lamego, 1 tostão de prata (D. Luiz); — Miss Teresa Cassidy, libra de ouro, D. Branca de Vasconcelos Guedes Carvalhais, travessão de ouro com um brilhante.

Diocese de Portalegre

D. Maria da Nazareth Carvalho — Tinalhas, libra em ouro. Artur Farinha da Silva — Pêso (Vila de Rei), anel em ouro com um brilhante. D. Maria Benedita Vaz Sarafana — Aldeia de S.ª Margarida, broche de ouro com pérolas; par de brinco de ouro e platina com diamantes. D. Maria Isabel Lopes Russo — Cabeço de Vide, anel com uma ametista e diamantes.

Diocese do Porto

D. Maria Isabel Moreira Aranha F. de Mendonça e sua irmã Maria Joana — Castelo de Paiva, libra em ouro. Sr. Pio José Pestana de Vasconcelos e seus irmãos Francisco, Sebastião e Manuel — Cinco libras em ouro.

D. Henriqueta de Viterbo Ferreira, 2 alianças de ouro e onze topázios. D. Maria Isabel Marinho Falcão Cabral, Joaquim do Vale Cabral e suas filhas — libra em ouro. D. Joana Sarmento Calainho de Azevedo e filhas — Moeda de ouro (D. José). Entregue na Igreja de Cedofeita — pulseira de ouro; 3 anéis de ouro; broche de ouro com diamantes. D. Isabel Cirne — Moeda de ouro (D. João V).

Diocese de Vila Real

Viuva de Sr. Júlio José da Silva — Vila Real, 4 facas de papel em prata; pulseira de filigrana de ouro e esmalte; alfinete de gravata de ouro e brilhantes e diamantes; dois pares de botões para camisa de homem.

Diocese de Lisboa

(Continuação)

Sr. José Ribeiro — Lisboa, anel de ouro. G. A. T. — Lisboa, par de brinco de ouro. Condessa de Manguale — Lisboa, 3 alianças de ouro; 2 medalhas de ouro; 1 anel com brilhantes e rubis. D. C. C. A. — Lisboa, 5 mil reis em ouro. D. Alice Marques Bouça Barata e Silva — Lisboa Broche de ouro e platina com brilhantes. Uma devota do Sagrado Coração de Jesus — Lisboa, anel de ouro com opala; anel de ouro com manograma; dois anéis com brilhantes; alfinete de gravata de ouro com brilhantes; 5 botões de camisa em ouro. D. Mariana da Câmara d'Orey — Oeiras, Aliança de ouro; pulseira de ouro e pérolas. Instituto Médico-pedagógico — Lisboa, 2 fios de ouro. Sr. Francisco de Assis Lamas Moreira — Belém, escrava de ouro. Anónima — Lisboa, pulseira de ouro com cruz de filigrana. Anónima — Lisboa, par de brinco de platina e diamantes. Sr.ª Júlia da Encarnação — (criada de servir) — Lisboa, par de brinco de ouro. O. M. — Lisboa, argola de guardanapo; bolsa de malha de prata; cruz de prata; pulseira de prata com ametistas; alfinetes de prata com coral; broche de prata com ametistas. Anónima — Torres Vedras — Freiria, medalha de prata e esmalte. Com estas palavras: « Para alcançar uma graça, esperando com fé viva que o Coração de Jesus seja o Rei do meu lar, o conforto das minhas penas, o meu amparo e protecção no decurso da vida ». Anónimo — Freiria Torres Vedras, anel de ouro com safiras e estas palavras: « Um devoto de Cristo Rei oferece a primeira jóia que teve, pedindo só que Ele proteja seus dois filhos ». Anónima — Lisboa, anel de ouro com brilhantes; 3 fios de ouro; pulseira de ouro; 3 bocadinhos de aro de medalha de ouro. D. Maria da Conceição Mota, por alma de Ana Gonçalves — Alégs, par de brinco de ouro. Anónima — Lisboa, par de brinco de ouro. D. F. — Lisboa, anel de ouro com diamantes, Sr. José Luiz — Estoril, escrava de ouro. Anónima — Lisboa, 2 relógios de ouro. Anónima — Lisboa, por intermédio de D. Palmira Machado, 2 copos de vidro; 1 taça de vidro; 1 garrafa, 4 pratos; 2 chicanas antigas; florêria da China. D. Maria Adelaide de Oliveira Belo, uma moeda inglesa de cinco libras, em ouro. Maria — Lisboa, carteira de coiro com as iniciais: F. S. Q. S. em ouro. Assinante de « a Voz » 7947 — Lisboa, moeda de 1.000 reis de ouro; alfinete de gravata com um cruzado antigo. Anónimo de Santarém e seu filho, aliança de ouro; botão de camisa em ouro; moeda de 1000 reis em prata, do reinado de D. Carlos. Anónima — Lisboa, por intermédio do Rev. P.º João Ramos Ferreira, broche de ouro com rubis, brilhantes e 2 pérolas.

A Subscrição Nacional

Dioceses	
Braga	31.424\$35
Bragança	1.470\$50
Beja	3.110\$00
Coimbra	9.387\$60
Evora	7.915\$90
Faro	5.231\$70
Guarda	7.663\$75
Lamego	3.672\$00
Lisboa	209.850\$15
Leiria	441\$50
Portalegre	5.354\$00
Porto	55.297\$45
Vila Real	3.203\$55
Vizeu	3.352\$00

Ilhas e Ultramar

Angola	24.188\$30
Angra	9.550\$25
Funchal	2.523\$50
Goa e Damão	168\$00
Macau e Timor	31.087\$00
Moçambique	31.493\$00
Portugueses residentes no Estrangeiro	3.870\$05
Vendas	11.781\$65
Total	462.045\$20

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

O jornal "O MONUMENTO" é o principal instrumento da nossa propaganda. COMPRAI-O! LÊDE-O! PROPAGAI-O! e dareis prova da verdade do vosso amor ao SS. Coração de Cristo Rei.